

As táticas de Portugal e de Espanha para captar mais investimento

Texto de Susana Marques in **ACTUALIDADE** REVISTA da CCILE F E V E R E I R O D E 2 0 1 4, p. 42

Jorge Braga de Macedo, professor de economia e antigo ministro das Finanças, é cauteloso quanto à recuperação do investimento: “São louváveis os esforços nesse sentido que tiveram lugar durante o período de ajustamento, mas ainda é cedo para avaliar o seu efeito estruturante na economia nacional. A queda do investimento vem de trás e a sua recuperação vai demorar, em função das perspetivas da economia nacional como local atraente para a produção.” O especialista observa que “melhorámos bastante nos *Doing Business Indicators* do Banco Mundial e a *Estratégia de Crescimento, Emprego e Fomento Industrial* apresentada há quase um ano inclui uma meta ambiciosa para o futuro”. Ainda assim, “nos quatro indicadores monitorizados pelo Conselho Estratégico para a Internacionalização da Economia (CEIE), presidido pelo Primeiro-ministro (a saber obter crédito, arranjar licenças, pagar impostos e trocar bens e serviços com o exterior) a nossa posição está longe de ser favorável”. Há, no entanto, sinais positivos, como o das exportações, nota: “O comércio em bens e serviços é complementar do investimento direto estrangeiro mais até do que de outras formas de comércio em ativos financeiros, por isso o bom desempenho das exportações nos últimos anos é um sinal de que a abertura da economia se está a consolidar.”

Braga de Macedo concorda que Portugal está em vantagem na qualidade de potencial porta de entrada ou parceiro estratégico para negócios em países emergentes como Angola, Moçambique e Brasil: “É uma das razões da criação do CEIE e foram apreciados pelos seus membros projetos visando eliminar as barreiras às trocas comerciais e de investimento com outros países membros da CPLP, tendo em conta que cada um deles se insere em plataformas regionais como ASEAN (Timor Leste), CEAC (São Tomé e Príncipe), CEDEAO (Cabo Verde e Guiné-Bissau), Mercosul (Brasil), SADC (Angola e Moçambique) potenciando assim uma forte complementaridade com a União Europeia. Basta dar o exemplo do programa *Aus Deutschland nach Luanda und Maputo via Lissabon* e o reforço da aposta da África do Sul na SADC para ver que esse potencial se está a concretizar.”

No capítulo do investimento, Jorge Braga de Macedo advoga a aposta em “setores que produzem bens e serviços transacionáveis internacionalmente porque se potencia a complementaridade com o comércio externo referida acima e considerada como a chave de uma abertura sustentada que beneficia o nível de vida dos residentes”.

As expetativas face ao IDE como motor da economia portuguesa são elevadas. Veremos se 2014 confirmará as projeções do Governo neste âmbito. □